

TRILHAS DO FANTÁSTICO

Gloria Carneiro do AMARAL*

CAMARANI, A. L. S. **A literatura fantástica**: caminhos teóricos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. 216 p. (Coleção Letras, 9).

Sempre que vou a um congresso centrado no fantástico ou dou um curso sobre o assunto, surpreende-me o grande número de participantes que, em geral, têm um largo repertório de leitura nesta área. O interesse é, portanto, pacífico. Não tão pacíficas são as abordagens e perspectivas teóricas. Torna-se, por essas duas razões, muito oportuno este trabalho de Ana Luiza Camarani que traz um estudo minucioso das teorias mais veiculadas sobre o gênero.

Atentando-se para o desenvolvimento dos capítulos, constataremos a adequação do título: “caminhos teóricos”. Trata-se de uma discussão instalada em trilhas da história literária. Retomar a visão geral da própria autora na sua introdução pode ser útil: o estudo se abre com autores precursores, seguem-se os textos fundadores e amplamente frequentados para se chegar aos teóricos mais contemporâneos que alargam perspectivas e, no entender da autora, representam uma evolução da teoria.

Partir dos precursores e dos autores do começo do século XIX permite-nos observar questões que foram reiteradamente retomadas ao longo do tempo. Sainte-Beuve questiona-se, em 1830, sobre a persistência do fantástico, sua evolução para “uma arte nova”, cujos contornos apresentar-se-iam apenas esboçados ou sobre sua permanência num estado vago, indefinido e que não deve ser levado tão a sério, segundo esse formador de opinião da época. Uma desconfiança que persistiu durante certo tempo, com olhares enviesados para este tipo de literatura. Paralelamente a esta desconfiança acompanhamos as reflexões empenhadas de Charles Nodier, figura cujo destaque é reconhecido no início do Romantismo, reverenciada inclusive pelo jovem Victor Hugo.

Mostra-nos a autora que um primeiro balanço de um historiador da literatura vem, em 1951, com Pierre-Georges Castex que aponta um aspecto fundamental e persistente: o fantástico situa-se no fio da navalha do mistério e do real. Acresce-se uma questão que interessa à contemporaneidade: a modalidade mais recorrente

* USP – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês. São Paulo – SP – Brasil. 05508-010. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Programa de Pós-Graduação em Letras. São Paulo – SP – Brasil. 01241-001 – glomar@uol.com.br

de que se serve o fantástico é o conto, cuja voga começa na França através de Hoffmann. Temos então a assimilação do fantástico a uma forma de contornos igualmente difíceis de se definir o que pode sugerir novas indagações sobre essa associação. Afinal, já declarava nosso contista Mário de Andrade (1972, p. 5): “Em verdade, sempre será conto aquilo que seu autor batizou com o nome de conto.”

A inserção na história literária não quer dizer que a autora tenha deixado de lado uma leitura atenta e pessoal dos textos estudados. Um bom exemplo disso é o citadíssimo ensaio de Lovecraft, “*Supernatural horror in literature*”, muito traduzido, mas nem por isso, parece-me, tão lido. Camarani nos mostra, de forma bem fundamentada, como, para esse autor do início do século XX (1890-1937), a atmosfera de horror gótico e de medo é elemento de base da narrativa fantástica.

Outro aspecto importante desse estudo é a análise das teorias de Todorov, quase infalivelmente citadas em eventos e textos, mas que dificilmente tem seus acertos e contradições analisados passo a passo. Camarani faz justiça a esse teórico precursor, muitas vezes visto através de abordagens superficiais, que pouco levam em consideração o caráter pioneiro de seu trabalho e o corpus de estudo restrito a textos do século XIX. Podemos seguir aqui diversas visões de *Introdução à literatura fantástica* e chamar atenção para o título em que o autor estabelece os limites de sua obra: uma introdução. Bellemin-Noël, em texto escrito pouco depois, tem uma visão positiva das reflexões do búlgaro e aponta seu acerto ao passar a estudar instâncias puramente literárias. Valérie Tritter chama atenção para as reflexões de Todorov sobre o papel do leitor. Remo Ceserani, cujo livro já é de 2004, atribui a Todorov o mérito de “promover” a “modalidade fantástica”, termo que prefere a gênero. Michel Vignes, que envereda pela investigação de um fantástico poético, embora se oponha a Todorov exatamente por voltar-se para a poesia, faz suas reflexões através dele. Rever o papel – muito criticado e mal avaliado – de *Introdução à literatura fantástica* na fortuna crítica do fantástico já é uma boa contribuição do estudo de Camarani; a César o que é de César: o teórico búlgaro é colocado em seu papel de precursor dos estudos sobre a modalidade, o gênero ou subgênero fantástico.

A abordagem psicanalítica de Bellemin-Noël traz a baila outro texto muito lido por quem se interessa pelo fantástico: “*Das Unheimliche*” (1919), de Freud, que discute o inquietante que jaz no íntimo do ser humano e que os textos fantásticos trazem à tona.

No capítulo III, fazem-se presentes teóricos recentes e de origem variada: Jacques Finné, Filipe Furtado, Joël Malrieu, Valérie Tritter, Remo Ceserani, Michel Vignes e David Roas. Este último é particularmente interessante, por ter, ele também, como ponto de partida uma retomada centrada na tradição e história do fantástico. Camarani, na sua leitura criteriosa, nos mostra como Roas muda o rumo das reflexões sobre o fantástico, aprofunda-as e propõe a questão fundamental da

sua sobrevivência após a mecânica quântica. O que, de certa forma, é objeto das reflexões de Maupassant em alguns de seus contos.

Podemos acompanhar neste capítulo, o diálogo constante que a autora estabelece entre os diversos críticos estudados. As opiniões de Valérie Tritter, por exemplo, são ocasião da revisão de vários textos já examinados. E também a cada novo crítico, vemos um aspecto diferente que se apresenta. Tritter chama atenção para um protagonismo basicamente masculino na ficção fantástica, com algumas exceções como *Aura*, de Carlos Fuentes e *The turn of the screw*, de Henry James. Michel Vignes descortina aspectos muito particulares por se ocupar de poesia, focando-se especialmente em espaços tais que ruínas ou cemitérios e a presença de figuras espectrais e até da temática do duplo em “*La nuit de décembre*” de Musset.

O trabalho ainda nos brinda com um capítulo sobre dois críticos brasileiros: José Paulo Paes e Selma Calasans Rodrigues. O primeiro, nos diz a autora, tem poucas páginas sobre o fantástico, mas examina todos os teóricos em voga e enuncia observações acertadas sobre o que ele chama de subgênero. A segunda mostra a figura do Diabo compondo o fantástico sempre sob a perspectiva da natureza humana, deixando de lado o teológico.

A literatura fantástica: caminhos teóricos vem, portanto, bem a calhar para os estudos sobre essa modalidade, gênero ou subgênero, para levar em conta a nomenclatura variada dos críticos estudados. E como modelo de pesquisa mostra bem que a leitura atenta dos textos é sempre um método de trabalho eficaz.

REFERÊNCIA

ANDRADE, M. **O empalhador de passarinho**. 3. ed. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972.



